

A QUESTÃO DO PARTIDO

1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Uma observação sensualista-naturalista de Schiller -de que a sensação precede a consciência e nesta prioridade ' do impulso sensível encontramos a chave de toda a história hu mana (1)- pode ajudar na reflexão contemporânea sobre as relações do movimento socialista, como gênero, com o movimen- to socialista-marxista como a sua especificidade moderna e re volucionária, fundada na revolução teórico-filosófica de He - gel, Marx e Engels.

As lutas no sentido da igualdade, de Spartacus a Thomas Morus, de Thomas Münzer à Conspiração dos Iguais, for - jam um acúmulo cultural e filosófico que tensiona a humanida - de no sentido do socialismo, como movimento genérico que por longo tempo foi apropriado legitimamente pelo marxismo, en - quanto revolucionário e por isso radicalmente crítico.

A "sensação" -o sentimento humano que vai da "preocupação" (Kosik) à angústia sartreana- é parte integra te da "praxis", desde que esta seja concebida com um estatuto' superior à simplicidade empirista, que a vertente dominante' do marxismo-positivista lhe empresta. No que se refere à pos - sibilidade da igualdade social, o trajeto da subjetivação do movimento do homem, na história, é o trajeto da "sensação" à racionalidade da dialética marxista, que aproxima o homem da possibilidade de "ditar" o seu futuro.

A "praxis" não é uma mera relação da teoria com a prática, "ela se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade" (2) ... "uma máquina ou um animal não tem medo da morte, não sentem angústia diante do nada, nem alegria diante da beleza" (3), "assim, a praxis compreende -além do momento laborativo- também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atitude objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentimento humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais, como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso e a esperança, etc., não se apresentam como experiência passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo de realização da liberdade humana" (4)

A superioridade do homem perante a naturalidade está em que o homem é um ser da "praxis" e se insere na sua dialética constituindo valores. Esta constituição e retenção de valores -que às vezes adormecem séculos para serem depois' resgatados- é o próprio processo de humanização do homem e o seu trânsito do individual-particular (mais próximo da naturalidade) ao humano-genérico (mais distante e "senhor" da sua naturalidade originária).

O processo de autocriação humana e de subordinação da naturalidade aos desígnios humanos -infinitos movimentos do trabalho e infinita variedade de "sensações"- produz o ser humano com infinitas possibilidades, alternativas e conquistas de valores. "Nem um só valor conquistado pela humanidade se perde de modo absoluto (...) enquanto houver humanidade, haverá também desenvolvimento axiológico" (5).

O movimento socialista é principalmente produto ' deste desenvolvimento axiológico, cuja origem é o próprio processo de humanização do homem, constituinte e constituído de categorias axiológicas, que compõem aquele trânsito infinito ' do "individual-particular" para o "humano-genérico". O movimento socialista não é fruto do desenvolvimento das relações' de produção e sim fruto do homem histórico criador e criado '

pelas relações de produção, pelo fato de que o socialismo não é uma "decorrência" e sim opção valorativa.

As relações de produção capitalistas e todas as suas consequências revolucionárias, no plano da filosofia, da cultura e da política, permitem a elaboração de uma teoria particular - concreta, com as suas categorias axiológicas mínimas - o socialismo-marxista que quer construir "utopia possível" da sociedade sem classes.

O movimento pela "igualdade", em geral, representado pela generalidade da idéia socialista é a "sensação", que precede a consciência da alternativa particular-concreta do comunismo, que se dá no capitalismo europeu do século 19, através do marxismo-revolucionário. O marxismo revolucionário é que sustenta as variáveis políticas e econômicas das revoluções do século XX. O marxismo "verdadeiro" é o marxismo praticado, o que demanda uma profunda retomada dos seus pressupostos teóricos, para que ele seja "praticado" de outra forma.

O movimento socialista e o comunismo, portanto, não expressam, necessariamente, o mesmo sistema de valores e nem mesmo constituem uma totalidade incindível, não só no plano histórico mais amplo, como também na realidade particular da política moderna. A separação do movimento socialista em "partes" concretamente determinadas - os partidos "socialistas" e "comunistas" - aplicado o raciocínio de Hegel, seria a vitória da idéia socialista, já que a geração desta dialética significaria o próprio renascer permanente, uma negação-afirmação do próprio partido do socialismo: "Um partido só prova que é vencedor, quando, por sua vez, se dividir em dois partidos (...). Desta forma, o cisma que nasce dentro de um partido e que parece uma desgraça para ele, manifesta antes a sua sorte." (6).

Se constatarmos que o socialismo, como idéia-força central do século 20 obrigou que se pensasse o futuro da humanidade a partir de uma das suas variáveis (seja através de uma política reformista, seja através da opção socialista-marxista)

daremos razão a Hegel: a questão da igualdade social já é historicamente insuprimível.

2. NO TRAJETO DA IDENTIDADE

A separação orgânica do socialismo e do comunismo remonta à época de Lenin. Seu amadurecimento, porém, deu-se depois da 2a. Guerra como contrapartida do stalinismo. Já durante a Guerra, André Gide simbolizava na intelectualidade francesa o destino desta separação de partidos. O menchevismo, que teve forte apoio de grande parte do socialismo europeu ainda na época de Lenin, arguiu, no que refere ao trajeto provável da Revolução Russa, questões extremamente pertinentes (ver Getzler, Weissel, Mehrav, Marramao, p. 197 a 331), insinuando aquilo que Martov denominou de um "final bonapartista da ditadura vermelha" (7). O fato foi tragicamente confirmado com a direção stalinista, os processos de Moscou, o rebaixamento cultural, a instrumentalização das revoluções dos outros países e sobretudo a liquidação de qualquer resquício de democracia interna no PCUS.

A evolução desta separação de partidos está colocada hoje mundialmente e não se pode dizer que os partidos comunistas configurem uma particularidade concreta do socialismo, que seja herdeira das suas melhores possibilidades. Se os partidos do movimento socialista, como generalidade, em regra são a expressão orgânica do reformismo, não é menos certo, porém, que os partidos que se avocam a idéia socialista-marxista, expressam ordinariamente a mesma política. E isso ocorre porque a separação teórica e orgânica não foi seguida da construção de um sistema de valores que se constituísse com toda a radicalidade e que apanhasse as contraposições mais modernas das divergências, desde o conceito de democracia (do ponto de vista operário) até as questões ecológicas, sociais e da vida cotidiana. A revolução proletária, na verdade, vem perdendo a sua "atualidade" e subsumin-

do-se -no plano da política- na maré montante da luta pelas reformas onde o socialismo-marxista não forjou uma referência se dutora.

A separação teórica do socialismo e do comunismo transformou-se em "questão de organização" (...) para poderem realmente mostrar o caminho da sua realização" (8), mas esta realização os aproxima inapelavelmente. As duas grandes vertentes que se expressam mundialmente, o socialismo-social-democrata e o socialismo-marxista tradicional, realizam-se mais como identidade e menos como não-identidade, fazendo do processo das suas negações recíprocas uma separação, cujo movimento dialético resulta, para o socialismo-marxista, num afastamento das suas origens universalizantes e para o movimento socialista numa configuração concretamente social-democrata e expressamente pró-capitalista. A idéia do comunismo como projeto utópico-concreto, que se materializa na revolução, é, hoje, abstração de um sujeito impotente.

3. LEMBRANDO LENIN

Toda a sustentação teórica da necessidade da organização comunista tem como pressuposto o fato "de que em uma formação social capitalista não poderia haver classe para si como realidade, senão como projeto através da mediação do Partido" (9). Esta tese foi cara a Lenin e ele pautou sua posição, no interior do processo russo, de "defender a nítida diferenciação orgânica entre a classe e o partido" (10).

Esta separação orgânica foi fundamental para compreender as diferenças originárias das idéias centrais dos partidos socialistas-social-democratas e dos partidos socialistas-marxistas. A esta separação correspondeu, em regra, a uma diferença de avaliação sobre a questão do poder. Na sua origem está a questão das reformas, da revolução e conseqüentemente a questão das

relações com a "ordem", a sua maior ou menor capacidade de absorver as reformas ou de permitir, ou não, uma "evolução socialista".

A atual aproximação, no terreno organizativo dos dois tipos de partidos já se fundamenta num processo de identificação espontânea no plano da política, que possibilita um movimento de retorno, retificando um "afastamento" que hoje só existe como resíduo ou aparência.

Neste contexto (de distanciamento e aproximação) ocorrem -como não poderia deixar de ser- interpenetrações recíprocas no plano político-ideológico. Não é difícil apontar alguns partidos socialistas que contêm frações mais identificadas com o jacobinismo leninista do que a maioria dos partidos comunistas "tradicionais". Tal é o caso do PS Uruguaio, antes do golpe militar naquele país e de uma significativa fração do PS chileno, que até hoje se mantém como organização de vanguarda.

Há um fio condutor irrenunciável, no conjunto das observações teóricas de Lenin, a respeito da questão do partido de vanguarda revolucionária: no terreno organizativo está a contrapartida "material" da política revolucionária. A questão da disponibilidade da organização dos revolucionários, em relação aos aparatos repressivos ou potencialmente repressivos do Estado Burguês e o núcleo ético e moral em que ele deve constituir-se, são os dois fundamentos que se alicerçam na constatação materialista de que o poder e a atitude da burguesia, perante a revolução, será a da violência e que a maioria dos dominados permanece enquanto tal no curso do processo revolucionário.

Há, porém, um outro fio condutor, pseudamente leninista -mas na verdade de corte stalinista- que não só é renunciável, mas que nas atuais circunstâncias históricas que atravessa a luta de classes no país, já foi derrotado pela vida. Trata-se da normativa, extraída da realidade russa, de que o partido revolucionário só pode surgir de um pequeno grupo homogêneo de revolucionários, cuja ação política e desdobramentos organizativos se expandem até o seu credenciamento perante as massas proletárias na situação revolucionária.

4. OS SOCIALISTAS-MARXISTAS E O PT

O aprofundamento da relação política dos socialistas marxistas com o Partido dos Trabalhadores e as consequências de um percurso que os levam, numa mesma medida, a terem dois partidos, e reconhecerem a importância revolucionária de ambos, é um fato histórico de vital importância para pensar-se a questão do socialismo como questão em relação com as massas trabalhadoras. Pensamento este que renuncia à política miúda dos guetos' e se propõe a pensar no socialismo como uma questão política de massas.

Na verdade, ao se despirem de uma visão puramente taticista do PT e ao passarem a compreendê-lo como um partido de sentido estratégico no processo revolucionário brasileiro -sentido este que é concebido também como uma disputa- os socialistas-marxistas foram abandonando uma visão "ortodoxa" do leninismo, porém sem elaborações teóricas suficientemente articuladas' que pudessem sustentar esta evolução.

Hoje, na verdade, os socialistas-marxistas não mais operam politicamente como um Partido, embora alguns ainda carreguem o "fardo" deste nome. Eles constituem organizações de revolucionários que trabalham na construção de um partido legal, entendendo que o seu potencial socialista depende, efetivamente, da sua atividade político-prática, de outras correntes e de grupos de indivíduos que militam no PT, de forma mais ou menos orgânica.

A sua primeira -mas não a única, mas imediata- dificuldade para responder a esta situação de extrema riqueza, veio da não compreensão do movimento estrutural da transição e do seu significado nesta etapa do desenvolvimento capitalista em escala mundial. A visão catastrofista e "sem saída", que diagnosticavam até o "Plano Cruzado" -diagnóstico que tinha' implicitamente como alicerce a emergência de uma situação revo-

lucionária inconfessada- seguiram uma série de avaliações e tarefas de conteúdo puramente tático, às quais não continham e não contêm um juízo estratégico sobre a transição, sobre a importância das lutas "dentro da ordem", sobre a combinação das lutas no interior do Estado Burguês, com o desenvolvimento de táticas plebéias na luta de classes.

Se a possibilidade da revolução ainda existia e a transição "nafragava", é evidente que a clandestinidade, o conspirativismo, a "vanguarda comunista" à espera das massas proletárias -tudo isso- permanecia como valor absoluto à espera do seu reconhecimento histórico.

Ao não elaborarem uma teoria clara da transição, não poderiam abordá-la senão de forma fragmentária, onde a política e a organização tiveram o mesmo destino daquele livro de Erich Fromm, "Meu Encontro com Marx e Freud": um dos dois não foi.

Esta dificuldade, na verdade uma carência estratégica, teve a ousadia de uma resposta limitada na incorporação do pensamento gramsciano na reflexão socialista, tentando compatibilizar a luta socialista com a complexidade da dominação burguesa. As grandes limitações que acompanharam estas reflexões não tiram as suas consequências minimamente orientadoras, nem impedem de dizer que a virada teórica os credenciou, minimamente, para intervir no processo político.

A possibilidade de disputar amplamente e a inexistência de repressão sobre os revolucionários (inclusive sobre os setores da esquerda que tentam combinar a luta por reformas com a luta revolucionária) foi gradativamente tirando a importância da "clandestinidade". Esta, que deveria traduzir-se, hoje, na atenção com estruturas preventivas, com a autodefesa em circunstâncias especiais e com um sério trabalho de informação e contra-informação, passou a ser uma clandestinidade sem qualquer finalidade para o conjunto das organizações, cujas atividades reais são cumpridas na verdade como tendência do Partido dos Trabalhadores o que hoje todos são efetivamente.

5. UMA POLÍTICA EM ANDAMENTO

A postura das organizações, de inclusive não ter como política falar em seu nome, mesmo a grupos reduzidos de trabalhadores sem partido; de não editar posições próprias através de materiais públicos, ainda que de circulação em setores minoritários de massas; algumas, de abdicar dos seus jornais legais ; outras de determinar que os seus porta-vozes se recolhessem e também de orientar que os seus militantes que integram órgãos de direção do PT deduzissem publicamente apenas as posições do PT ; toda esta gama de medidas traduziu o curso de uma orientação auto dissolvente, que paulatinamente e de forma sucessiva decretou a mudança completa das experiências organizativas que não levassem em conta o reconhecimento do PT como partido, mesmo por que a influência de algumas posições socialistas-marxistas se expandia, ao invés de se reduzir, e fortaleceu o PT, o que era, sem dúvida, também um objetivo.

Aquilo que deveria ser uma mediação -o relacionamento das organizações com o PT- passou a adquirir importância estratégica, passou a sufocar a própria existência das organizações , já que o paroxismo da cautela passou a ser a norma que sufoca a possibilidade de que as organizações construam as suas próprias mediações para dirigir-se mesmo a uma minoria de massas mais avançadas para efetivar uma disputa sobre a própria questão do comunismo. Discutir os destinos destas organizações, hoje, é discutir, na verdade, um destino já realizado. As organizações socialistas-marxistas que se opunham ao cunho burocrático-reformista dos PCs (que inclusive contam no seu interior com correntes e indivíduos "inquietaos" teoricamente e revolucionários na política) voltaram ao leito de um movimento socialista genérico que, aqui no Brasil, tem extraordinária vitalidade política e um verdadeiro potencial revolucionário.

Esta situação exige dos socialistas-marxistas uma teoria nova sobre a luta pelo Partido, referencial da revolução brasileira, a qual, se não contar com a disputa pelos rumos do PT , será a retomada de uma teoria que foi derrotada pela vida.

6. EM TORNO DO PRESENTE

Queiramos ou não -e aliás a maioria dos socialistas-marxistas quiseram e lutam para isso- o Partido dos Trabalhadores impõe-se como um partido de caráter nacional, de esquerda, identificado perante as massas como um partido de luta pelo socialismo, que tem um contingente de militantes de boa qualificação política e que tem o apoio de grandes contingentes de massas, das "camadas médias", do proletariado e do campesinato. Sem tirar a importância que os PCs tiveram em nossa história, pela primeira vez rompe-se em escala nacional e em regiões estratégicas os anéis da manipulação política e dominação ideológica a que estavam submetidos vastos setores do povo. A espontaneidade apanhada pelo homem pode qualificar-se como organicidade e como sujeito consciente.

Com um vasto arco político-ideológico (que vai da extrema esquerda essencialista e do anarquismo ao social-democratismo e ao sindicalismo "puro") o PT reflete, de certa forma, toda a herança da esquerda revolucionária e reformista, que não se adequou à tradição dogmática dos PCs. Mesmo com essa diversidade o PT é um Partido e não uma federação de organizações. Ele funciona com uma política razoavelmente centralizada, conta com órgãos de direção e um direito interno legitimados e não constitui sua linha de intervenção pelo "respeito" à política e às concepções de grupos, mas o faz através de um processo democrático interno, que funciona minimamente e incide sobre o conjunto da sua militância permanente.

Estas características alcançadas pelo PT prefiguraram-se, principalmente, a partir das eleições de 86, quando o espectro da sua expressão política pressionou suas instâncias de direção, que trataram de funcionar com maior capacidade de coesão e de centralização.

Embora ambíguas e reformistas (por estabelecerem uma confusão entre um programa para a disputa presidencial e os ob-

jetivos de uma "democracia popular") as decisões do V Encontro funcionaram como um referencial para o debate das diversas posições internas ao Partido, o que ajudou a qualificar a intervenção política do PT.

Estamos, pois, perante uma situação histórica configurada e estável, onde um Partido nitidamente de esquerda com base de massas e avocando-se a condição de socialista, reivindica-se como um partido do campo da revolução e não se avoca, preliminarmente, como defensor de meios "dentro da ordem".

As situações análogas que poderiam ser referidas, são a da social-democracia alemã no período que precede a 1ª. Guerra e a do Partido Socialista Chileno, nas eleições que precederam a vitória de Allende. Em relação ao PT, não há, pois, meio termo, ou ele é assumido como Partido, com todas as consequências desta posição, ou seja, é assumido para que se efetive uma disputa sobre os seus rumos reconhecendo hoje a cisão concreta que se coloca, historicamente, entre o movimento socialista como generalidade abstrata e a organização comunista como particularidade concreta, ou se vai para o velho gueto, onde, cheios de razões e "teorias" a esquerda marxista ficará à margem da estrada.

Tal conclusão não pressupõe que a luta dos socialistas marxistas não permaneça, inclusive no terreno organizativo, como uma luta particular concreta. Suas formas de organização, porém, devem inclinar-se perante esta realidade incontornável: ou se esgota a luta para que o PT se torne, em todas as dimensões, um partido socialista e revolucionário de massas, com um forte e numericamente significativo contingente socialista-marxista em seu interior, ou os socialistas-marxistas ficarão de fora daquilo que é a primeira experiência socialista de massas, do moderno Brasil capitalista.

- (1) SCHILLER, J.C. Friedrich. La Educacion Estetica del Hombre, Editorial Arte Y Literatura, 1984, Habana, p. 15.
- (2) KOSIK, Karel. Dialética do Concreto, Paz e Terra, 2a. edição, 1976, Rio de Janeiro, p. 202.
- (3) Ibid. p. 203
- (4) Ibid. p. 204
- (5) HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História, Paz e Terra, 2a. edição, 1985, p. 10.
- (6) D'HONDT, Jacques. Hegel e o Hegelianismo, Editorial Inquérito Limitada, Lisboa, p. 47/48.
- (7) GETZLER, Israel. Martov e os mencheviques antes e depois da revolução, in HISTÓRIA DO MARXISMO, Paz e Terra, 1985, p. 211.
- (8) LUKÁCS, Georg. Teoria do Partido Revolucionário, Cadernos de Formação Marxista, Brasil Debates, p. 41.
- (9) LUXEMBURG, Rosa. Problemas de organización de la socialdemocracia rusa, in TEORIA MARXISTA DEL PARTIDO POLITICO II, PYP, México, 1978, p. 41.
- (10) GENRO FILHO, Adelmo. Contra o socialismo legalista, Ed. Tchê!, 1987, p. 102.